

Direitos humanos, feminismo e igualdade racial: O que aprender com a trajetória da vereadora Marielle Franco

5ª vereadora com mais votos no Rio, socióloga foi assassinada nesta quarta-feira (14), após denunciar ações truculentas da PM.

[\(HuffPost Brasil, 15/03/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Nascida em 1979 na Favela da Maré, na zona norte do Rio de Janeiro, a vereadora Marielle Franco (PSol) construiu uma trajetória de luta por direitos humanos, feminismo e igualdade racial. Contrária à intervenção federal de militares no Rio, a socióloga foi assassinada a tiros em seu próprio carro na noite da última quarta-feira (14), após denunciar ações truculentas da Polícia Militar.

Em 2016, foi a 5ª vereadora mais votada na cidade, com apoio de 46.502 eleitores. Ela não esperava mais do que 6 mil votos. “Fiquei muito feliz com essa votação expressiva porque eu acho que é uma resposta da cidade nas urnas para o que querem nos tirar, que é o debate das mulheres, da negritude e das favelas”, disse, à época ao [Jornal da PUC-Rio](#), faculdade onde estudou.

Na campanha, Marielle destacou a importância da afetividade e assertividade das mulheres na luta por melhores condições sociais. “Não é sensibilidade. Não é mimimi. É firmeza”, afirmou. Entre as bandeiras, estava a preocupação com o impacto da violência e o acesso a serviços como creche.

“A gente não tem que normalizar o entrar na favela e ter que acender as luzes ou sair da favela e ter que ouvir de agente de segurança que ainda não matou ninguém. A gente vai entrar, vai sair, vai fazer política, vai resistir, vai dar a cara. Isso é uma das coisas que me orgulha.”

Foi nessa mesma eleição que Pedro Paulo (MDB) ficou em 3º lugar na disputa pela prefeitura do Rio. O candidato apoiado pelo então prefeito, Eduardo Paes (MDB), havia sido denunciado pela esposa, Alexandra Marcondes Teixeira, por violência doméstica.

Para a socialista, o debate contribuiu para o resultado nas urnas. “Acho que havia uma demanda represada muito grande, em especial no debate de gênero”, afirmou ao [Globo](#), após o resultado das eleições.

“Este caso do Pedro Paulo, de se focar tanto na agressão específica a Alessandra (sua ex-mulher), tem até um quê de moralismo. Eu debato o feminismo no sentido mais amplo, de que este governo do PMDB agride as mulheres diariamente, na defasagem de vagas nas creches, no caos do transporte público.”

Na época, Marielle era coordenadora da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj). A atuação na área começou efetivamente em 2006, quando integrou a equipe da Comunidade da Maré na campanha de Marcelo Freixo (PSol) a deputado estadual. Marielle trabalhava na na integração do candidato com os movimentos sociais.

A luta social foi impulsionada também por um episódio pessoal. Em 2005, uma de suas amigas mais próximas foi vítima de uma bala perdida em um tiroteio entre policiais e traficantes na Maré.

Formada da PUC-Rio em Ciências Sociais, a vereadora chegou ao Ensino Superior por meio de uma bolsa integral no Pré-Vestibular Comunitário da Maré. “Cheguei à PUC muito arredia, ainda tomada pela sensação de pertencimento à favela. Eu me distanciava muito das patricinhas, dos mauricinhos, porque afinal eram de outra classe e outra renda”, contou ao jornal da Universidade.

Durante o curso, ficou grávida de Luyara aos 18 anos, motivo pelo qual não se envolveu com o movimento estudantil. “Eu já era mãe, então houve épocas em que eu trabalhei em dois horários”, contou.

Como socióloga, trabalhou como educadora infantil na Creche Albano Rosa,

na Maré, se tornou professora e pesquisadora. Fez mestrado na Universidade Federal Fluminense (UFF) em Administração Pública. A dissertação foi uma análise da política de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, com foco na Unidade de Polícia Pacificadora (UPP).

Denúncia contra forças de segurança na intervenção

Relatora da Comissão da Câmara de Vereadores do Rio criada para acompanhar a atuação das tropas na intervenção federal na área de segurança do Rio, Marielle denunciou nos últimos dias ações de violência da Polícia Militar em operações na Favela de Acari, na Zona Norte do Rio.

No sábado, ela compartilhou em seu perfil no Facebook o relato de que policiais do 41º Batalhão da PM do Rio teriam aterrorizado moradores da comunidade. “Precisamos gritar para que todos saibam o está acontecendo em Acari nesse momento.” De acordo com o texto, 2 jovens teriam sido mortos.

No mesmo dia, ela postou a notícia do coletivo Fala Akari. De acordo com o relato, policiais do 41º BPM entraram na favela atirando por volta das 6 da manhã de sábado. “CHEGA de esculachar a população. CHEGA de matar nossos jovens”, escreveu a vereadora.

Uma escola em Guaratiba, na Zona Oeste do Rio, receberá o nome de Marielle, em uma homenagem. A unidade será inaugurada em 4 meses, de acordo com o prefeito do Rio, Marcelo Crivella (PRB).

Crivella decretou luto oficial de 3 dias e lamentou a morte da vereadora, mas não tratou de investigações do crime. “Nesse momento em que estamos sofrendo uma intervenção é realmente paradoxal. A gente esperava ter mais segurança, mas essa segurança ainda não chegou. Espero que chegue logo, que a gente não tenha que amargurar o que estamos sofrendo agora”, afirmou ao anunciar ações na área de educação nesta quinta-feira (15).

Assassinaram não só Marielle, mas um projeto de renovação na política, por Maria Fernanda Delmas

Vereadora defendia a conquista de espaço pelas mulheres, participava do movimento negro e militava pela educação

[\(O Globo, 15/03/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Marielle Franco se elegeu vereadora no Rio em 2016, com o expressivo resultado de 46 mil votos. Estava em seu primeiro mandato, pelo PSOL. Vinha de uma vida vivida na Maré, de muito estudo e da experiência como assessora parlamentar. Botou sua militância debaixo do braço e foi mostrar a cara na vida pública.

Defendia a conquista de espaço pelas mulheres, participava do movimento negro e militava pela educação. Nas ruas e na Câmara. Em seu curto tempo de mandato, foi fiel à sua agenda progressista. E com certeza se aproximava cada vez mais dos jovens - dos diferentes estratos, das diferentes geografias do Rio. Não só deles, mas sobretudo deles.

Pode-se ter votado nela ou não. Aderir ou não à sua agenda. Mas ninguém pode negar que a chegada de Marielle à política representou um movimento de frescor. Neste 2018 tão embolado, a renovação na política é uma das discussões mais importantes e mais presentes. É o que muita gente está desesperadamente buscando. Em 2016, ainda no calor do pós-junho de 2013, ela foi uma dessas esperanças de renovação para 46 mil pessoas. Aos 38 anos, fazia um trabalho que ainda tocava muito mais gente.

Assassinaram a Marielle e Anderson Pedro Gomes, o motorista que a levava ao sair de um encontro com jovens negras. O medo é que, após essa tragédia, venha o recuo. Que novos e necessários rostos da renovação política se intimidem. Ainda há tão pouca renovação, e tudo de que o país precisa é que

quem queira chegar lá possa trabalhar. Em paz.

Horas antes de morrer, Marielle frisou crimes contra mulher

Vereadora do PSOL participou de reunião com militantes negras no Centro do Rio

[\(Veja, 15/03/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Cerca de três horas horas antes [de ser assassinada](#), a vereadora [Marielle Franco](#) (PSOL) fez uma transmissão ao vivo de um evento em que ressaltou o crescimento de crimes contra mulheres negras. Logo no início do vídeo, postado em sua página no [Facebook](#), ela afirmou: “Não é à toa que os índices de homicídio, de feminicídio e estupro contra o nosso corpo, infelizmente, aumentam.”

De acordo com a legenda que acompanha a gravação, as imagens são da Roda de Conversa Mulheres Negras Movendo Estruturas, realizada, na noite de ontem, na Casa das Pretas, na Lapa. A vereadora foi morta, quando, após a reunião, ia para casa, na Tijuca.

Ao abrir a conversa, Marielle ressaltou que, no encontro, ela e as outras mulheres abordariam temas como dores e resistência: “Nosso corpo que fala, nossa cor que fala, nossa raça que fala, nosso gênero que fala”, frisou. O vídeo tem 1h38 (abaixo).

Notas públicas em repúdio ao covarde assassinato de Marielle Franco

O **Instituto Patrícia Galvão** une-se às manifestações de repúdio contra o assassinato covarde e brutal da vereadora Marielle Franco ocorrido ontem no Rio de Janeiro. Pretendiam calar Marielle, uma mulher negra ativista que sempre teve a coragem de usar sua voz contra a violência e os desmandos.

Não irão nos calar! Agora todas e todos gritamos por justiça! Exigimos apuração rigorosa e responsabilização por mais este crime hediondo!

#JustiçaParaMarielle #LutoPorMarielle #SomosTodasMarielle

Nota oficial da SPM/Segov - Caso Vereadora Marielle Franco

A Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres vem a público manifestar sua solidariedade aos familiares e amigos da vereadora Marielle Franco neste momento de dor.

Marielle foi morta a tiros na noite de ontem (14), no centro do Rio de Janeiro, no auge dos seus 38 anos de vida. A vereadora era presidente da Comissão da Mulher, líder do movimento negro e defensora dos direitos humanos.

A SPM pede apuração rigorosa do caso as autoridades competentes e segue acompanhando a apuração.

Nota pública da ONU Brasil sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco

As Nações Unidas no Brasil manifestam consternação com o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco (PSOL-RJ), na noite desta quarta-feira, 14 de março. Ela foi uma das principais vozes em defesa dos direitos humanos na cidade. Desenvolvia plataforma política relacionada ao enfrentamento do racismo e das desigualdades de gênero e pela eliminação da violência, sobretudo nas periferias e favelas do Rio.

Quinta vereadora mais votada nas eleições municipais de 2016, Marielle era um dos marcos da renovação da participação política das mulheres,

diferenciando-se pelo caráter progressista em assuntos sociais no contexto da responsabilidade do Poder Legislativo local.

O Sistema das Nações Unidas no Brasil expressa solidariedade aos familiares e amigos da vereadora e do motorista Anderson Pedro Gomes. Tem expectativa de rigor na investigação do caso e breve elucidação dos fatos pelas autoridades, aguardando a responsabilização da autoria do crime.

Secretaria da Mulher da Câmara divulga nota oficial sobre o caso Marielle Franco

A bancada feminina, a Procuradoria da Mulher e a Coordenadoria dos Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados recebem com muito pesar a informação do bruto e cruel assassinato da vereadora Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (Psol) do Rio de Janeiro, na noite desta quarta-feira, 14 de março, no centro da capital fluminense.

O crime cometido contra uma jovem mulher negra, feminista, de origem humilde, defensora dos direitos humanos, e no exercício de suas funções parlamentares, demonstra ser um grave caso de feminicídio e de violência política contra a mulher que precisa ser imediatamente e ostensivamente investigado pelas autoridades competentes.

Passaremos a acompanhar a apuração do caso para que o contexto e a motivação do crime sejam esclarecidos e os autores sejam devidamente responsabilizados pelo crime hediondo cometido contra Marielle.

Deputada Gorete Pereira

Procuradora da Mulher da Câmara dos Deputados

Deputada Professora Dorinha Seabra Resende

1ª Coordenadora-Adjunta dos Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados

Marcha Mundial das Mulheres

A Marcha Mundial das Mulheres vem, por meio desta nota, manifestar seu pesar e profunda indignação com o assassinato da militante feminista e vereadora do PSOL Marielle Franco.

Marielle, mulher negra e oriunda da favela da Maré, foi uma militante de extrema importância para o movimento feminista no Rio de Janeiro, pautando a construção de políticas públicas para as mulheres na cidade - com destaque para o enfrentamento à violência e para a defesa dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Além disso, a vereadora esteve na linha

de frente no enfrentamento à intervenção militar no Rio de Janeiro, sendo inclusive nomeada relatora da comissão responsável por acompanhar a intervenção, na câmara municipal da cidade.

Nos juntamos ao coro dos gritos que exigem a apuração do crime, para que seu assassinato não fique impune. Nos solidarizamos com as companheiras e companheiros do PSOL, com sua família e amigos neste momento de dor.

A melhor forma de homenagear uma lutadora como Marielle é continuando sua luta. Esse é o nosso recado para os poderosos. Não arredaremos o pé da construção de uma sociedade mais justa e igualitária para as mulheres e para todo o povo brasileiro.

Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres!

Pelo fim da intervenção militar no Rio de Janeiro!

Marielle Franco, presente!

Marcha Mundial das Mulheres

Rede Feminista de Saúde

A Rede Nacional Feminista de Saúde Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos vem a público manifestar o mais completo horror e profunda indignação pelo bárbaro assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes.

Apresenta também seus sentimentos de pesar e solidariedade aos familiares e amigos de Marielle e Anderson.

Marielle, a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro nas eleições de 2016 pelo PSOL, 38 anos, era socióloga, ativista no movimento negro, feminista e também atuava na comunidade da Maré, onde morava.

Essa ocorrência macabra só vem confirmar a total degradação de nosso país, notadamente após o Golpe de 2016.

[Acesse a íntegra da nota em PDF.](#)

União de Mulheres de São Paulo e Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos

Nós, da União de Mulheres de São Paulo, estamos de luto pelo assassinato covarde e fascista de Marielle. Marielle presente agora e sempre! Justiça! Não nos calarão.

A Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos solidariza-se com todos os movimentos populares e familiares pelo assassinato brutal de

Marielle Franco. Marielle guerreira de luta, presente hoje e sempre!

Grupo Mulheres do Brasil

O Grupo Mulheres do Brasil manifesta publicamente sua profunda tristeza e indignação pelo assassinato da vereadora Marielle Franco, na capital do Estado do Rio de Janeiro. Ontem, uma voz ressonante da luta pelas causas da mulher, dos negros e da periferia foi brutalmente calada. Tivemos uma representante do Legislativo, em pleno cumprimento de seu mandato, assassinada. Não vamos nos calar. Vamos reverberar e eternizar o discurso de Marielle e de tantas outras mulheres vítimas da violência no Brasil. Exigimos uma apuração rigorosa e imediata sobre este crime.

Eu #LutoPorMarielle #SomosTodasMarielle

Human Rights Watch Brasil

É preciso dar fim, de uma vez por todas, ao clima de impunidade no Rio de Janeiro, que alimenta o ciclo de violência. Marielle e Anderson são as últimas vítimas, dentre muitas, de um sistema de segurança falido.

[#JustiçaParaMarielle](#) [#JustiçaParaAnderson](#) <https://goo.gl/Cwzd1Q>

Lamentamos profundamente o assassinato da vereadora carioca e ativista dos direitos humanos Marielle Franco, e do motorista Anderson Pedro Gomes, na noite desta quarta-feira, na região central do Rio de Janeiro. Marielle destacava-se por sua atuação pública na defesa dos direitos humanos e vinha denunciando abusos associados à atuação da polícia nas comunidades do Rio de Janeiro, tendo sido nomeada como relatora da comissão que acompanhará a intervenção federal no âmbito da Câmara Municipal de Vereadores no Rio de Janeiro.

A Human Rights Watch clama por uma investigação rápida, rigorosa e imparcial do assassinato de Marielle Franco e de Pedro Anderson Gomes, e a responsabilização de todos os envolvidos. A competência pela investigação recai sobre a polícia civil do Rio de Janeiro e, eventualmente, sobre a polícia federal, se for convocada para esse fim. O interventor militar deve garantir que os investigadores contem com todos os recursos necessários, a independência e a liberdade para identificar os assassinos. A Human Rights Watch pede, ainda, ao Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público do Rio de Janeiro que convoque imediatamente o Grupo de Atuação Especializada em Segurança Pública do Ministério Público (GAESP) para participar da investigação.

É preciso dar um fim, de uma vez por todas, ao clima de impunidade existente no estado do Rio de Janeiro, que alimenta o ciclo de violência. Marielle e Anderson são as últimas vítimas, dentre muitas, de um sistema de segurança falido.

Nota Urgente | Anistia Internacional

O Estado, através dos diversos órgãos competentes, deve garantir uma investigação imediata e rigorosa do assassinato da vereadora do Rio de Janeiro e defensora dos direitos humanos Marielle Franco.

Marielle foi morta a tiros na noite desta quarta-feira, 14 de março, no bairro do Estácio na cidade do Rio de Janeiro.

Marielle Franco é reconhecida por sua histórica luta por direitos humanos, especialmente em defesa dos direitos das mulheres negras e moradores de favelas e periferias e na denúncia da violência policial.

Não podem restar dúvidas a respeito do contexto, motivação e autoria do assassinato de Marielle Franco.

#JustiçaParaMarielle

Nota do PSOL: Marielle Franco, presente!

O Partido Socialismo e Liberdade vem a público manifestar seu pesar diante do assassinato da vereadora Marielle Franco e de Anderson Pedro Gomes, motorista que a acompanhava.

Estamos ao lado dos familiares, amigos, assessores e dirigentes partidários do PSOL/RJ nesse momento de dor e indignação. A atuação de Marielle como vereadora e ativista dos direitos humanos orgulha toda a militância do PSOL e será honrada na continuidade de sua luta. Não podemos descartar a hipótese de crime político, ou seja, uma execução. Marielle tinha acabado de denunciar a ação brutal e truculenta da PM na região do Irajá, na comunidade de Acari. Além disso, as características do crime com um carro emparelhando com o veículo onde estava a vereadora, efetuando muitos disparos e fugindo em seguida reforçam essa possibilidade. Por isso, exigimos apuração imediata e rigorosa desse crime hediondo. Não nos calaremos!

Marielle, presente!

Partido Socialismo e Liberdade

Nota da Gestos sobre o assassinato de Marielle Franco

Uma mulher negra, lésbica, periférica, destemida. Uma parlamentar que foi a voz do povo negro e dos pobres no Rio de Janeiro. Com a sua morte, morremos um pouco nós que sonhamos com uma sociedade democrática, sem racismo, machismo e violência. Sua luta não pode ser esquecida.

A **Gestos** tem como missão fortalecer os direitos humanos e construir sociedades democráticas, equitativas e de paz. Marielle Franco era a personificação desses ideais.

Os assassinatos de Marielle Franco e de Anderson Pedro Gomes são graves violações da democracia e dos direitos humanos. Exigimos a devida apuração do caso e a responsabilização de todas as pessoas envolvidas.

#MariellePresente

Gestos - Soropositividade, Comunicação e Gênero

Nota oficial do CNMP sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco

A presidente do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) e procuradora-geral da República, Raquel Dodge, expressa integral apoio ao

trabalho dos membros do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, na pessoa do procurador-geral de Justiça, Eduardo Gussem, em relação às investigações do assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Pedro Gomes, em 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro. A vereadora se notabilizou por ser defensora dos direitos humanos e por dar voz às vítimas de violência no estado.

O Ministério Público está unido e mobilizado em torno do assunto. Foram designados a secretária de Direitos Humanos do CNMP, Ivana Farina, o secretário de Relações Institucionais do CNMP, Nedens Ulisses, e o secretário de Direitos Humanos da PGR, André de Carvalho Ramos, para se reunirem com o procurador-geral de Justiça Eduardo Gussem e autoridades do Estado para acompanharem o início das investigações.

Também na manhã desta quinta-feira (15) Raquel Dodge determinou a instauração de procedimento instrutório de eventual Incidente de Deslocamento de Competência, para possível federalização da persecução penal. Além disso, solicitou à Polícia Federal que, com fundamento na Lei n. 10.446 e no artigo 144-§1º-I da Constituição, adote diligências de investigação necessárias.

PFDC se manifesta sobre execução de Marielle Franco e Anderson Gomes

Documento pede novos rumos na política de segurança pública

A Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC), do Ministério Público Federal, se soma às demonstrações de solidariedade às famílias e amigas e amigos de Marielle Franco e Anderson Pedro Gomes, brutalmente assassinados na noite de 14 de março de 2018, na cidade do Rio de Janeiro.

A morte violenta de Marielle escancara as diversas dimensões da gravidade da situação da segurança pública no Brasil. Marielle Franco era mulher, negra, moradora da periferia e defensora de direitos humanos, atributos que caracterizam as vítimas usuais da violência em geral e da própria violência estatal, num país que assassina mais de 60 mil pessoas por ano. (...)

A PFDC espera que as trágicas mortes de Marielle e Anderson provoquem reação nos poderes públicos e na sociedade brasileira em relação aos rumos da política de segurança pública no país. Os modelos atuais estão esgotados e sem reformas democráticas muitas outras vítimas terão que ser pranteadas, como vem ocorrendo há anos.

O cumprimento da sentença proferida pela Corte Interamericana de Direitos Humanos no caso Favela Nova Brasília - relacionado à violência estatal no próprio Rio de Janeiro -, por todos os órgãos públicos responsáveis, seria um bom começo. A violência no Brasil não é apenas um “caso de polícia” e seu enfrentamento não passa pelo aumento da repressão, mas sim pelo compromisso das instituições governamentais, legislativas e do sistema de justiça, assim como da sociedade, de enfrentar as causas do problema em todas as suas dimensões, tendo sempre a proteção dos direitos fundamentais de toda a população como seu alicerce. [Leia na íntegra](#)

Nota do IBCCRIM

Marielle Franco, mulher negra e a 5ª vereadora mais votada no Rio de Janeiro, foi executada dentro de um carro ontem à noite, após sair de um evento na região central da cidade. Ao menos oito tiros foram disparados contra ela.

Defensora dos direitos humanos na vida e na Câmara do Rio, Marielle nasceu e cresceu na Favela da Maré, onde ao menos 42 pessoas morreram em conflitos no ano passado.

Além da vereadora, foi executado também o motorista Anderson Pedro Gomes, que dirigia o automóvel naquela noite.

Em sua trajetória, Marielle se dedicou a combater as desigualdades de gênero e o racismo, além de denunciar, dentro e fora da vida parlamentar, a violência nas favelas e periferias do Rio de Janeiro.

É hora de discutir mudanças institucionais e práticas para o enfrentamento da violência, sobretudo a violência do Estado.

O **IBCCRIM** manifesta sua solidariedade à família de Marielle e de Anderson Pedro Gomes, reiterando o seu compromisso em refletir e debater as reformas institucionais da segurança pública, incluindo as polícias, considerando que todo grande desafio exige articulação entre muitas esferas e instituições.

Nota do Observatório da Intervenção

O Observatório da Intervenção, iniciativa coordenada pelo CESeC juntamente com diversas entidades, vive esse momento não só com profundo pesar, porque Marielle era uma das participantes do Observatório, mas com imensa preocupação. Independentemente da motivação dos autores da execução, o

que houve ontem foi um assassinato político. Trata-se de um novo degrau de aprofundamento das dinâmicas de violência no Rio de Janeiro, inaugurando uma nova modalidade de homicídio, o homicídio estritamente político. A morte de Marielle representa uma ameaça aos ativistas de favelas, às lideranças comunitárias e aos defensores de direitos.

A polícia militar precisa dar respostas imediatas que façam cessar suspeitas sobre atuação de seus policiais. A polícia civil deve elucidar o crime de forma exemplar. E sobretudo o comando militar da intervenção federal deve respostas à sociedade. O Rio sob intervenção tem sido o local onde mortes por violência e mortes e agressões por violência policial continuam prevalecendo. É responsabilidade dos interventores deter os crimes de ódio aos defensores de direitos.

Rio de Janeiro, 15 de março de 2018

Silvia Ramos - Coordenadora do Observatório da Intervenção

As tristes e significativas estatísticas das mortes nos partos

Na segunda-feira pela manhã (29), o plenário da Câmara de Vereadores recebeu especialistas, pesquisadoras e ativistas, além de familiares de mulheres vitimadas por problemas decorrentes de complicações durante ou após o parto, para a realização de um debate público sobre o tema da “Mortalidade Materna e Violência Obstétrica”.

[\(Jornal do Brasil, 31/05/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

O debate, conduzido pela vereadora Marielle Franco(PSOL), presidente da Comissão da Mulher, trouxe ao foco do debate uma série de estatísticas vergonhosas sobre a mortalidade materna no município do Rio de Janeiro.

O vídeo apresentado como provocador do debate, e que antecedeu as exposições, dá conta de que aumentaram de 62 para 72 os casos de mortalidade materna para cada 100 mil nascidos vivos. Que o Rio de Janeiro é a 6ª pior capital para uma mulher engravidar, já que 36% das mortes do Brasil acontecem na cidade.

A Zona Oeste apresenta taxas elevadas e se coloca no topo do ranking dos casos de mortalidade materna. O que chama atenção na exposição feita pela superintendente de Maternidades do SUS e Hospitais Pediátricos, Carla Brasil, é a configuração da população mais afetada quando o recorte é feito por cor, nível de escolaridade (majoritariamente as que não completaram os ensinos fundamental e médio) e raça.

As mulheres jovens, entre 15 e 25 anos, são as que mais morrem, e o mais doloroso é que muitas destas mortes poderiam ser evitadas. Os números são assustadores e dão conta de uma violência silenciosa e altamente naturalizada, que atravessa a vida de famílias pobres e que são usuárias do sistema público de saúde em sua grande maioria.

Os encaminhamentos sugeridos pela vereadora Marielle Franco foram os de criação de um grupo de trabalho para discutir e formular propostas para atuarem na diminuição destas mortes, enfatizando a sensibilização dos funcionários e visitas às maternidades que aparecem como as que vem apresentando maior índice de mortalidades.

Em uma cidade onde o discurso é de valorização da mãe carioca e que a prioridade é o cuidado com as pessoas, é urgente a adoção de medidas de Impacto, como melhorar a comunicação entre os serviços desde a atenção básica até o último estágio, para que seja de fato integral o atendimento à mulher.

É fundamental dar cada vez mais visibilidade a essa aberração na sociedade, para que deixem de ser naturalizados e banalizadas as mortes de mulheres jovens, pobres e negras.

** Colunista, Consultora na ONG Asplande e Membro da Rede de Instituições do Borel*